

Minha biblioteca é o espelho dessas mudanças: a propósito da trajetória do intelectual Francisco Falcon

My library is the mirror of these changes: regarding the trajectory of the intellectual Francisco Falcon

Marieta Pinheiro de Carvalho

Doutora em História Política - UERJ, Brasil.
Professora do Departamento de História - IFCH/UERJ, Brasil
marietacarvalho@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-9442-4274>

Nivia Pombo

Doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Professora do PPGH da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
niviapombo@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-1541-2748>

Vivian Zampa

Professora do Curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e do CAP UERJ e professora do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira
vivianzampa@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-6665-6489>

Livre docente, doutor e Professor Emérito pela UFF, a trajetória de Francisco José Calazans Falcon confunde-se com a própria constituição de alguns dos principais cursos de pós-graduação em História no Brasil. Seus inúmeros livros, dedicados a temáticas as mais diversas: Iluminismo; Reformas pombalinas; Despotismo esclarecido; Portugal no século XVIII; estudos de teoria e historiografia; marcaram a formação de uma geração de historiadores e continuam sendo importantes referências na produção historiográfica. O amplo leque de interesses das temáticas analisadas, ao longo da sua trajetória intelectual, revela o traço que o distingue: uma erudição fantástica refletida em sua biblioteca que, como afirma na entrevista, é o espelho das mudanças dos seus interesses de pesquisa e do entendimento da análise do campo histórico, a partir de uma dimensão ampliada, para, aos poucos, circunscrever melhor e assim situar o problema. Nascido no Rio de Janeiro, em 1933, estudante destacado do tradicional

Colégio D. Pedro II, Falcon começou a lecionar no ensino superior, em 1954, quando, a convite da professora Eugênia Damasceno Vieira Prado, Instrutora da Cadeira de História Moderna e Contemporânea da Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi) - da qual a professora Maria Yeda Leite Linhares era professora – fez algumas palestras na então Faculdade Fluminense de Filosofia, em Niterói, no 1º. Semestre, ao que se seguiu o convite para trabalhar como assistente da professora Eugênia no segundo semestre. A partir de 1956, o professor Falcon lecionaria, por muitos anos, nas duas faculdades. Em uma trajetória de mais de 70 anos dedicados ao métier d'historien, seus estudos sofreram forte influência da École des Annales que marcou, de modo indelével, a historiografia brasileira. No intento de realizar pesquisas necessárias à elaboração da tese que começara a planejar, Falcon saiu do país rumo a Lisboa, em 1969, experiência que resultou em sua tese de livre-docência sobre a época pombalina (1976). Mais do que uma obra sobre um dos momentos definidores da nossa contemporaneidade, o estudo é uma lição sobre as relações indissociáveis entre a história das ideias e a historiografia, mas também do impacto das linhas de pensamento na cultura, na política, na sociedade, na religiosidade e na economia. Trata-se , citando Lucien Febvre, da rejeição a uma “história das ideias descarnadas”. Para além desse aspecto, a obra encara uma das problemáticas mais polêmicas sobre a continuidade e a ruptura em história. Em cada página, sua postura crítica e atenta aos estudos europeus, sobretudo os principais clássicos da História Moderna, sua área de atuação e excelência. é, também, uma demonstração de que a pesquisa em história se faz, por meio do diálogo interdisciplinar, com a comunidade científica: sua passagem por Portugal revela suas conversas com Vitorino Magalhães Godinho, Joel Serrão, Luiz de Mattos, entre outros. Falcon conversou com as professoras Marieta Carvalho, Nívia Pombo e Vivian Zampa sobre a sua trajetória, sua amizade com a historiadora Maria Yedda Linhares e outros intelectuais da sua geração que lecionavam e pesquisavam na conjuntura massacrante dos anos da Ditadura Civil-Militar no Brasil (1964-1985). Tratou da sua participação ativa e fundamental na criação de alguns dos principais programas de pós-graduação em História do país e sobre algumas das influências centrais em seus estudos.

[Marieta Carvalho; Nívia Pombo; Vivian Zampa] *Poderia nos falar sobre os momentos que considera os mais significativos na sua trajetória acadêmica/profissional?*

[Francisco Falcon]: Desde a minha formação, são vários períodos, mas destaco, como momento primeiro, o curso ginásial no Colégio D. Pedro II, internato, que me ensinou muita coisa sobre disciplina, ordem e organização, embora eu, naquele momento, detestasse estar ali. No início, foram dois anos no regime semi-interno, ou seja, ficava lá de 8h da manhã às 17h. Depois, a partir do 3º. Ginásial, passei a interno: entrava na segunda-feira e saía no sábado, depois do meio-dia. Em meio às tristezas e às saudades, aprendi muito. Em segundo lugar, e muito mais importante, foi o meu curso científico no Colégio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia. Ali, realmente, passei a ter o gosto, acho até que exagerado, pelos estudos. Eu não só estudava História e Geografia, mas Química, Física e Biologia. Lembro que as primeiras aulas, que dei como explicador, foram aulas de matemática, para os colegas do curso científico. Lá, eu conheci professores excelentes que me incentivaram. Na época, eu já tinha uma ideia pré-fixada de estudar História – teria que estudar história e Geografia, mas esta não me desestimulava, ao contrário, também, gostava de Geografia. Sentia pena da professora de química que vivia me catequizando a cursar química na faculdade. Tive colegas excelentes que, depois, tornaram-se grandes físicos. Enfim, foi uma época muito diferente de tudo o que eu havia conhecido. Era uma jornada cansativa, pois eu morava no antigo Jockey Club, entre as estações São Francisco Xavier, Rocha e Triagem. Não havia mais Jockey nenhum ali, quando eu cheguei em 1938. A experiência abriu minha visão para outras coisas, outras pessoas. Tive uma grande amiga de curso que foi Lygia Bojunga Nunes, grande escritora de livros infantis, e outras amigadas que se prolongaram pelo curso superior. A terceira etapa a destacar foi a da Faculdade Nacional de Filosofia.

[Marieta Carvalho; Nívia Pombo; Vivian Zampa] *Foi ali que o Senhor travou contato com a Maria Yedda Linhares?*

[Francisco Falcon]: Era um ambiente muito dinâmico, e eu sonhava em ser professor universitário de Geografia, mas a receptividade maior foi da professora Maria Yedda Leite Linhares (1921-2011). Ao terminar o curso de História e Geografia, em dezembro de 1955, já

havíamos recebido o convite da professora Maria Yedda Linhares para trabalharmos na cadeira de História Moderna e Contemporânea, como “auxiliar de ensino não remunerado”. Mas, a Yedda foi sempre uma pessoa excepcional e combinou dividir comigo o salário dela. Todo mês fazia questão que eu fosse com ela até o Ministério da Fazenda, onde se fazia o pagamento, e me dava ali, na hora, metade dos seus rendimentos. Dois anos depois, ela conseguiu com o Eremildo Luiz Viana (1913-1998) a minha nomeação como “técnico especializado”, até que, mais adiante, houve concurso, passei a Instrutor; em seguida, passei a assistente, e, depois da livre-docência em 1976, a professor adjunto. Em Niterói, na Faculdade Fluminense de Filosofia, continuamos a lecionar como professor assistente de História Moderna e Contemporânea, até o momento em que a professora Eugênia Vieira Prado pediu demissão e nós assumimos a Cátedra. Poucos anos depois, houve a federalização da Faculdade com a criação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFERJ), mais tarde mudada para Universidade Federal Fluminense (UFF). Conforme a lei da federalização, os, então, professores catedráticos foram assim reconhecidos e mantidos “até a realização do concurso.” Em 1958, por intermédio de uma aluna, depois grande amiga, Consuelo Novais Sampaio (1936-2013), uma baiana perdida no Rio de Janeiro e que tinha boas relações com o padre Fernando Bastos de Ávila (1918-2010), fui convidado para a Escola de Sociologia Política na Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ), instituição onde trabalhei por 44 anos, a mais longeva da minha carreira, a princípio na Escola de Sociologia Política e, depois de 1969, no Departamento de História e Geografia.

[Marieta Carvalho; Nívia Pombo; Vivian Zampa] *O início da sua carreira foi atravessado pelo Golpe de 1964. Como foi essa fase?*

[Francisco Falcon]: Em 1959, dei um curso de História Diplomática Mundial no Instituto Rio Branco. Depois disso, comecei a conversar com José Luiz Werneck da Silva (1932-1995) e com o Hélio Alonso (1928-2015), pois havíamos recebido o convite para organizar a futura Faculdade de Filosofia da Universidade Gama Filho. Uma empreitada louca por se tratar de organizar todos os cursos de uma Faculdade de Filosofia: Filosofia, LETRAS, Ciências Naturais, História, Geografia, na época, separados. No fatídico ano de 1964, no dia 31 de março, dia da “redentora”, que era o dia do início dos cursos da nova Faculdade, eu estava no Campus, em Piedade, à noite, e os professores não chegavam. Uma professora de Filosofia chegou, dizendo que estava tudo

bloqueado na rua das Laranjeiras, que estariam empunhando metralhadoras: componentes de uma espécie de milícia de defensores do governador Carlos Lacerda, supostamente, em atitude de defesa, contra uma operação militar dos fuzileiros navais do Almirante C. Aragão. Essa noite foi inesquecível. Saí de lá apavorado e, no dia seguinte, comprei tudo que era comida em lata que havia nos mercados por perto de onde eu morava. O ministro Gama Filho (1906-1978), dono da Universidade, tinha sido uma grande figura no governo do Juscelino Kubitschek (1956-1961), mas foi mudando, tornou-se amigo do Almirante Augusto Rademaker (1905-1985), e acabaram, aos poucos, instalando um ambiente de medo e desconfiança entre os professores, com acusações de ideias comunistas em relação a alguns deles. O Hélio Alonso, que era o diretor da faculdade, pediu demissão. Eu, que era o vice, passei a ser o diretor. Fiquei de 1967 a 68, anos de aflição. O ministro Gama Filho mandou colocar umas catracas na entrada do campus e, para entrar, o aluno precisava mostrar um documento de que estava em dia com a mensalidade. Após uma das passeatas no centro do Rio de Janeiro em 1968, os alunos arreventaram as catracas e o ano terminou muito complicado. Fui demitido em janeiro de 1969. Foi quando recebi o aval do Instituto para a Alta Cultura, atualmente, Instituto Camões, de Portugal; tinha conseguido uma bolsa de estudos com o apoio do professor Arthur César Ferreira Reis (1906-1993) que me defendeu, frente às acusações de um professor da PUC, de que eu era comunista. Mesmo com sua defesa, tive dificuldades em conseguir meu passaporte. Eu tinha direito a um passaporte azul do Ministério das Relações Exteriores, da época em que eu lecionei no Instituto Rio Branco, mas, após o AI5, tiraram o meu nome da lista, devido à minha ligação com o grupo da Maria Yedda Linhares, "suspeito de comunismo na Faculdade Nacional de Filosofia". Precisei comparecer a uma entrevista, com um coronel no antigo Ministério da Fazenda, dar explicações sobre minhas atividades intelectuais e dizer que nunca tinha sido, e nem tinha pretendido ser, do Partido Comunista. Ao que parece, ele deu o parecer favorável e meu passaporte saiu.

[Marieta Carvalho; Nívia Pombo; Vivian Zampa] *Mas, o Senhor chegou a ser acusado de comunista?*

[Francisco Falcon]: Viajei para Lisboa no início de abril de 1969, pouco antes do período em que os militares multiplicaram as cassações. Maria Yedda foi cassada, assim como o Hugo Weiss, o Manuel Maurício e vários outros, mas, eu não fui. Aí surgiu uma indagação: "por que não?". Eu

acho que o Ferreira Reis, embora ele tenha desconversado nas vezes em que perguntei a ele diretamente, tirou o meu processo da lista dos professores que iam ser cassados. Soube que o Ministério da Educação organizou pilhas de processos de funcionários suspeitos de comunismo, mas que deu a determinadas pessoas dignas de credibilidade, leia-se “não suspeitas” de comunismo, como o professor Arthur César que foi até interventor no Amazonas na época do Castelo Branco, a possibilidade de tirar aquelas que eles julgassem que não mereciam estar na lista. Acredito que o César retirou o meu processo, pois, em 1971, recebi uma convocação para comparecer ao Ministério da Educação e tomar conhecimento de um processo contra mim que estava arquivado. Acredito que eles queriam decidir se davam prosseguimento ou arquivavam em definitivo. Eu fiz uma cópia. Não me deixaram fotografar nada e tive que copiar de próprio punho tudo que estava ali. Eram suspeitas da minha ligação com o grupo da Yedda, suposições de que eu teria preenchido as vagas da Faculdade de Filosofia com professores comunistas. Eu era acusado de ser um perigoso difusor das ideias comunistas, e precisei rebater aquilo tudo. Tive que contratar um advogado que mandou que eu escrevesse minhas razões e ele preparou um documento de defesa. Felizmente, o meu processo foi arquivado. Vieram os “anos de chumbo”. Na Universidade Federal Fluminense, a pressão era menor, mas trabalhávamos sob tensão tanto na Faculdade Nacional de Filosofia até 1967, quanto no recém-criado Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS); primeiro, em Botafogo e, a partir do final de 1969, no Largo de São Francisco. No final de 1969, ao retornar de Lisboa, soube que o IFCS se transferira para o Largo de São Francisco e tinha como Diretor o Professor Eduardo Prado de Mendonça, um professor catedrático do Departamento de Filosofia, e, como chefe de Departamento de História, o professor Eremildo Luiz Viana. Na primeira reunião a que compareci, em inícios de 1970, percebi que éramos dois sobreviventes; eu e o professor José Luiz Werneck da Silva, em meio a algumas caras novas e vários já antigos e “conhecidos”. O restante tinha sumido. Vivemos nesse clima horrível, praticamente, toda a década. Basta dizer que eu era professor de 20 horas e fazia questão de estar no prédio do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais o menor tempo possível. Ficava caladão nas reuniões, pois, haviam aparecido figuras inteiramente novas no corpo docente. Não sei com entraram. Algumas eram muito boas, e se destacaram, como a Maria Philomena da Cunha Gebran. Mas, com o Eremildo, não dava. Eu solicitei dois anos de licença não remunerada para ficar longe, e, depois, reduzi minha carga horária semanal para 12 horas, pois eu e o Werneck tínhamos pavor de virarmos alvo da vingança do Eremildo. Isso aí durou até

1978, quando a Philomena assumiu a chefia do departamento de História e a professora Eulália Maria Lameyer Lobo (1924-2011) assumiu a coordenação da Pós-Graduação. Começamos a vivenciar alguma normalidade. No ano seguinte, 1979, veio a Anistia.

[Marieta Carvalho; Nívia Pombo; Vivian Zampa] *Veio a Anistia, mas chegou, também, a era neoliberal para as universidades...*

[Francisco Falcon]: Em 1995, eu já estava aposentado da UFF; desde 1990. O retorno ao IFCS da UFRJ, em 1990/1, ocorreu em meio a um clima de muitos boatos sobre a supressão de direitos dos docentes das Universidades federais. Recordo-me que eu e diversos colegas preparamos nossos pedidos de aposentadoria e os deixamos engavetados para a eventualidade de se concretizarem as ameaças vindas de Brasília. Com efeito, tais boatos avolumaram-se no primeiro semestre de 1995 (perda de direitos vinculados à aposentadoria dos docentes de ensino superior do MEC), e resolvi aposentar-me. Eu não precisava ter me aposentado, não tinha vontade de me aposentar, mas me aposentei pelas circunstâncias reais ou fictícias daquela conjuntura. Após a aposentadoria, a professora Berenice Cavalcante e outros docentes da PUC-RJ vieram pedir o meu retorno à PUC. Eu estava licenciado da PUC, sem direito a salário, mas resolvi que não queria ficar parado. Voltei, em 1996, para ajudar a construir e implantar o doutorado. Fiquei até o final de 2003, quando recebi a notícia que teria de me aposentar, ou seria aposentado, porque, pela minha idade, eu ultrapassava o limite fixado pelo Estatuto geral da Universidade. Naquele momento, senti certa falta de solidariedade dos colegas, pois achava que a situação poderia ter sido revertida. A única proposta que chegou, me obrigava a preencher mais uma vez todo um volume de formulários, como se eu es tivesse entrando de novo na universidade. Achei que aquilo era um desaforo. A demissão ocorreu no início de 2004.

[Marieta Carvalho; Nívia Pombo; Vivian Zampa] *O senhor atuou na configuração de diversos programas de pós-graduação em História de grande relevância nacional e internacional, dentre eles, dois jovens programas, ambos em instituições privadas, que despontaram com atividades e produções de enorme qualidade no século XXI. Poderia nos contar essa experiência?*

[Francisco Falcon]: Logo quando sai da PUC-RJ, a Maria Yedda insistiu para que eu fosse dar aulas em Vassouras, onde havia a Faculdade de Filosofia, implantada havia alguns anos pela professora Marilda Corrêa Ciribeli, sua diretora, no âmbito da Universidade de Vassouras, criada e dirigida pelo general Severino Sombra. Eu havia trabalhado com eles nos anos de 1990, quando assessorei a montagem do Curso de Mestrado em História mas não permaneci como docente, naquela ocasião. A partir de 2004, lá fui eu. De 15 em 15 dias, ia para a rodoviária, pegava o ônibus e me hospedava no hotel Mara, onde havia um almoço delicioso do qual até hoje tenho saudades. A seguir ia dar minhas aulas no curso de mestrado. Durou um ano. No final do ano, houve um rompimento no colegiado do curso de mestrado; eu fiquei de um lado com a Maria Yedda e vários outros; do outro lado, ficaram os aliados da Philomena. Fui demitido, em janeiro de 2005, e, em maio, fui convidado a participar de uma comissão que estava organizando o curso de Mestrado em História da Universidade Salgado de Oliveira (Universo), do qual participavam os colegas que tinham sido “defenestrados” de Vassouras, como o Jorge Luiz Prata de Sousa, a Maria Yedda Linhares, Márcia Amantino, Marly Vianna, Marcelo Timóteo da Costa. Trabalhamos, até novembro de 2005, para entregar o projeto do curso de mestrado e fomos a Brasília, junto com a Maria Yedda, conversar com o professor Renato Janine Ribeiro, que era a “figura de proa” do Ministério, para liberar o início do curso em 2006, o que de fato aconteceu. De lá para cá, atuei nas atividades do curso de mestrado da Universo. Ficamos entusiasmados com o sucesso do curso de Mestrado e decidimos, anos mais tarde, organizar o curso de Doutorado, mas não calculamos que muito do que queríamos dependia das circunstâncias da instituição, deterioradas com o passar do tempo. Tivemos uma fase muito boa, de 2006 até 2016, mas, depois, as coisas começaram a não ser tão boas quanto antes. Dos muitos lugares em que trabalhei, como docente, foram sem dúvida os anos vividos na Universo que ficou uma das melhores lembranças de amizade e convivência. Realmente, isso eu não esqueço. O trabalho na Universo reunia um pessoal muito amigo, muito coeso, sem complicações desnecessárias. Então, fiquei com saudades quando acabou, em 2019. Fui convidado a assinar a demissão e acabou uma época – é claro que eu não vou com isso desmerecer os tempos que, para mim, também foram muito bons, da Nacional de Filosofia, até 1969, o trabalho na Federal Fluminense, onde conheci a Professora Maria Celia.

Veio a Covid-19, em 2022, deixando-me sem poder andar... fiquei imobilizado, sem condição de me movimentar. Vamos ver o que acontece, pois não é agradável ficar o dia inteiro, aqui, feito um paxá.

[Marieta Carvalho; Nívia Pombo; Vivian Zampa] *E como o senhor definiria o seu perfil intelectual e as suas principais influências? Quais foram os autores que marcaram a carreira da sua trajetória intelectual?*

[Francisco Falcon]: A respeito do meu perfil intelectual, e suas principais “influências”, o que posso dizer é que sempre abordei com seriedade e tenacidade as questões históricas que, por uma razão ou por outra, decidi pesquisar e analisar. Talvez, por força da vinculação docente à área de História Moderna e Contemporânea, sempre me interessei pelos temas pertinentes a essa área. Todavia, olhando pelo retrovisor, percebo que os interesses foram se modificando, ao longo do tempo e, a partir daí, também os autores e textos mais consultados. No começo, era a História das Relações Internacionais e a História Política que predominavam. A seguir, durante um bom tempo, a História Econômica e Social, com ênfase no problema da “transição” (do Feudalismo para o Capitalismo). A seguir, veio o interesse pelo estudo da História das Ideias em conexão com os estudos de análise do discurso e, portanto, dos problemas da linguagem em relação com os textos que o historiador utiliza como base das suas pesquisas. Por último, um interesse pelos aspectos metodológicos de Teoria da História e Historiografia. Como é fácil de deduzir, nesta nossa brevíssima síntese; enumerar os autores consultados ao longo de cada uma dessas fases, seria uma tarefa longa e complicada. Essa é a razão pela qual, costumo dizer que quem sabe da bibliografia de cada uma dessas “épocas historiográficas” são os conjuntos de obras tal como estão dispostas nas prateleiras de minha biblioteca.

[Marieta Carvalho; Nívia Pombo; Vivian Zampa] *Entendemos. Fale um pouco mais sobre a composição da sua biblioteca...*

[Francisco Falcon]: Comecei, lecionando História Política e, depois, passei a me interessar por História Econômica, quando me fixei muito nos trabalhos do Maurice Dobb (1900-1976). Depois, comecei a trabalhar com História Econômica e Social, História das Ideias... Posso separar,

na biblioteca, os livros da fase A, da fase B... a minha biblioteca é o espelho dessas mudanças. Acredito que a história é um mundo em que você não pode se fixar, se localizar só em um canto desse mundo. Sempre tive uma certa atração especial, mas não exclusiva, pela História das Ideias – econômicas, sociais e políticas. Até enveredei pela História Cultural, mas, agora, se você pegar os trabalhos que fiz, eles são muitos amplos, dedicados ao espaço- tempo do século XVIII e do século XIX. O Iluminismo, as revoluções liberais, mas, cada vez mais a Península Ibérica, a começar pela tese sobre o Pombal na segunda metade do século XVIII. Analisei tudo para, depois, situar Pombal. No século XIX, especialmente, a Revolução de 1820, Revolução Vintista, que eu pesquisei com a Maria Célia, que trabalhou muito nisso, em 1984, ano em que moramos em Lisboa. Íamos todos os dias, de segunda a sexta-feira, para a Biblioteca Nacional de Lisboa. Consultávamos as coleções, principalmente, de jornais. Tenho um material imenso, que, infelizmente, não trabalhei, sobre a revolução de 1820.

[Marieta Carvalho; Nívia Pombo; Vivian Zampa] *O senhor comentou, anteriormente, que obteve uma bolsa de estudos para pesquisas em Portugal. Como foi essa experiência? A sua obra clássica sobre a Época Pombalina foi fruto dessas pesquisas?*

[Francisco Falcon]: Inicialmente, um esclarecimento. As pesquisas em Lisboa, Coimbra e Évora sobre a Época Pombalina realizaram-se em 1969, quando recebi uma bolsa de estudos do governo português, através do Instituto para a Alta Cultura, durante oito meses. Havia começado a estudar e pesquisar, ainda, no Rio de Janeiro, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), documentos relativos às companhias de comércio criadas pelo marquês de Pombal – Maranhão e Grão Pará, e Pernambuco e Paraíba – durante sua governação. Aos poucos, percebi a importância que teve, então, a Junta do Comércio e, assim, aos poucos, elaborei um projeto de pesquisa sobre as práticas mercantilistas, da governação pombalina. Não tardou, porém, a percepção de que o universo da governação pombalina compreendia, também, todo um conjunto de ideias, e práticas ilustradas concernentes à esfera sociocultural, especialmente, com relação à educação, cultura, justiça e relações sociais. Levantei uma documentação rica e variada, cuja análise, seguida da redação textual, tomou os anos de 1970 a 1975. No fundo, ou, em síntese,

tentei explicar/compreender a realidade histórica de uma aparente contradição teórica: uma prática econômica mercantilista X uma prática sociocultural de tipo ilustrado, ou iluminista.

[Marieta Carvalho; Nívia Pombo; Vivian Zampa] *E os documentos sobre a Revolução Vintista, quando foram pesquisados?*

[Francisco Falcon]: Voltei aos arquivos portugueses em 1984, graças a uma bolsa de pós-doutorado da CAPES, sob a orientação da professora Miriam Halpern Pereira do ISCTE (Instituto das Ciências do Trabalho e da Empresa) contando com a companhia e o auxílio dedicado e eficiente da professora Maria Célia, esposa e colega de trabalho. Trabalhamos meses a fio na Biblioteca Nacional de Lisboa, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo e na Academia das Ciências de Lisboa. Na Biblioteca Nacional, conseguimos levantar um material muito rico, tendo como foco a Revolução Vintista, através dos jornais que viriam à luz, com notícias e ideias. Lemos muito, por exemplo, os números de O Astro da Lusitânia... Já, no caso do Arquivo Nacional da Torre do Tombo e da Biblioteca da Academia de Ciências de Lisboa, tínhamos como objetivo investigar as condições sociais e culturais do período pós-pombalino (reinado de d. Maria I e regência de d. João), enfocando a atuação de Pina Manique, Intendente Geral de Polícia. Todavia, após a volta ao Brasil, a “força das coisas” adiou, pouco a pouco, a análise da documentação que havíamos trazido...!

[Marieta Carvalho; Nívia Pombo; Vivian Zampa] *O senhor publicou pela Hucitec o volume 3 do Teoria da História e da Historiografia, com artigos produzidos, ao longo de sua carreira, sobre a História Luso-Brasileira e o espaço tempo do século XVIII. Poderia nos falar um pouco mais sobre esses seus estudos?*

[Francisco Falcon]: O volume III da Teoria da História e da Historiografia compõe uma espécie de “trilogia”, na qual estudei, sucessivamente: I Teoria da História: artigos acerca de algumas questões que envolvem a natureza do conhecimento histórico, assim como a questão do historiador e suas práticas; II – Historiografia – artigos sobre diversos tópicos de natureza historiográfica focalizando temas variados; III – História Luso-Brasileira (com ênfase na Época Pombalina).

[Marieta Carvalho; Nívia Pombo; Vivian Zampa] *No livro Domínios da história, de meados dos anos 1990, o senhor dedicou um capítulo à História das Ideias. Duas décadas depois, quais os avanços que o senhor observa terem ocorrido nesse campo?*

[Francisco Falcon]: Esse livro foi organizado pelo Ciro Flamarion Cardoso. Ele, sabendo que eu trabalhava com História das Ideias nos meus cursos, propôs que eu fizesse esse capítulo. Fiz o capítulo, claro, dentro da perspectiva da época. Hoje, provavelmente, se fosse escrever esse mesmo capítulo, não seria o mesmo, porque o conhecimento histórico está sempre se transformando para melhor ou para pior. Não há uma imutabilidade sobre o que você escreve, pois, temos que reconhecer que não temos acesso a tudo, então, é possível, também, que, quando você está escrevendo, ainda existam outros trabalhos, aos quais você não teve acesso e que, talvez, mudassem sua perspectiva, mas é relativo. Você faz o que pode.

Referências Bibliográficas

- FALCON, Francisco. J. C.(2019). Estudos de *Teoria da História e Historiografia*. Volume III – História Luso-Brasileira. 1. ed. São Paulo: HUCITEC.
- FALCON, Francisco. J. C.; RODRIGUES, Cláudia. (2015). *A Época Pombalina no mundo luso-brasileiro*. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV.
- FALCON, Francisco. J. C. (2015). *Estudos de Teoria da História e Historiografia*. Volume II – Historiografia. 1. ed. São Paulo: HUCITEC.
- FALCON, Francisco. J. C. (2010). A História das Ideias na historiografia brasileira recente: uma tentativa de balanço. In: RIBEIRO, Maria Manuela Tavares. (Org.). *Outros Combates pela História*. 1ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, v. 1, p. 499-508.
- FALCON, Francisco. J. C. (2011). *Estudos de Teoria da História e Historiografia*. Volume I - Teoria da História. 1. ed. São Paulo: HUCITEC.
- FALCON, Francisco. J. C.; RODRIGUES, Antonio E. M. (2006). *A Formação do Mundo Moderno*. 1. ed. Rio de Janeiro: Elsevier..

- FALCON, Francisco. J. C. (1997). História das Ideias. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Org.). *Domínios da História*. 1ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997, v. 1, p. 91-126.
- FALCON, Francisco. J. C. (1993). *A Época Pombalina, Política e Econômica e Monarquia Ilustrada*. 2. ed. São Paulo: Editora Ática.
- FALCON, Francisco J. C. (1988). *O 'Iluminismo'*. 1ª. ed. São Paulo: Ática, 1988.
- FALCON, Francisco J. C. (1987). *Despotismo Esclarecido*. 1a.. ed. São Paulo: Ática
- FALCON, Francisco J.C. e RODRIGUES, Antonio Edmilson M. (2006). *A Formação do Mundo Moderno*. 2ª, ed.. Elsevier R.J.
- FALCON, Francisco J, C. Falcon e RODRIGUES, Antonio Edmilson M. (2000) – *Tempos Modernos*. Ensaios de Historia Cultural. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.